

DIÁLOGOS CULTURAIS: A URBE FLORIANENSE E AS CONTRIBUIÇÕES DOS POVOS ÁRABES DESDE O COMÉRCIO À ARQUITETURA LOCAL

KLEYSSA DA SILVA CELESTINO

Mestranda em Sociologia - Universidade Federal do Piauí

Email: kleyssa@ufpi.edu.br

(<https://orcid.org/0000-0002-6751-1118>)

CARMEN LÚCIA SILVA LIMA

Doutora em Antropologia - Universidade Federal do Piauí

Email: carmensllucia@gmail.com

(<https://orcid.org/0000-0002-2427-7069>)

RAONI BORGES BARBOSA

Doutor em Antropologia - Universidade Federal do Piauí

Email: raoniborgesbarbosa@gmail.com

(<https://orcid.org/0000-0002-2437-3149>)

REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI

RESUMO:

Este artigo explora as experiências de trocas culturais e as contribuições sociais dos povos árabes – sírios e libaneses – para com a população do município de Floriano, no Piauí. A presença árabe na cidade é marcadamente um diferencial tanto cultural quanto no que diz respeito à economia do município, mas também com significativa interferência na paisagem local, por meio do conjunto arquitetônico que deixaram como legado no urbano local. Esse é um tema recorrente em teses e monografias que ora enfocam a cultura, ora a economia, mas raramente enfatizam as alterações na paisagem urbana da cidade. Neste artigo, por meio de levantamento bibliográfico de tipo revisão narrativa, realiza-se a análise de material que observe a temática da imigração árabe para o Brasil, relatando o percurso dessa diáspora até sua chegada à cidade de Floriano e evidenciando a necessidade de ações de preservação patrimonial 65 que assegurem a contribuição dos árabes na memória social da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Floriano; Piauí; Árabes; Sírios; Libaneses.

ABSTRACT:

This article explores cultural exchanges and experiences of social contributions from the Arabs people - Syrians and Lebanese - towards the Floriano county's population in Piauí. The Arabic presence in town is markedly a differential as culturally as in terms of county's economy, but also with significant interference in the local landscape through the architectural complex they left as a local urban legacy. This is an appellant theme in thesis and monographs that well focus on culture as well on economy, but they rarely lay emphasis on local landscape changes. This article produces an analysis of assay materials through bibliographic survey

of narrative review type that looks the theme of Arab immigration to Brazil in order to tell the journey of this leakage till their arrival in Floriano county.

KEYWORDS: Floriano; Piauí; Arabs; Syrians; Lebanese.

INTRODUÇÃO

Este artigo explora as experiências de trocas culturais e as contribuições sociais dos povos árabes – sírios e libaneses – para com a população do município de Floriano, no Piauí, bem como investiga e apresenta os impactos provocados pela chegada desse grupo populacional na cidade. Por meio de levantamento bibliográfico de tipo revisão narrativa (Elias et al. 2012), realiza-se a análise de material que observe a temática da imigração árabe para o Brasil até sua chegada à cidade de Floriano - região localizada no sudeste piauiense - com aporte em autores que reconhecidamente já contribuíram com o assunto (Truzzi, 2019; Rocha, 1994; Mott, 2007; Costa, 2013).

O artigo busca construir o percurso dessa diáspora árabe, que percorreu as terras tropicais do País, ao passo que discute questões sobre a evolução urbana e urbanismo com autores como Rolnik (1995), Oliven (2010) e Lefebvre (1999). Nesse sentido, segue as origens da formação do município de Floriano, lança um olhar histórico sobre o desenvolvimento comercial graças à navegação pela via fluvial e, por fim, observa a trajetória da entrada dos árabes no Brasil, inicialmente por São Paulo, com deslocamentos para o Maranhão, até assentarem-se no Piauí, sempre em observância ao estabelecimento de suas redes homofílicas de conexões com a sociedade local e com as atividades econômicas próprias de suas figurações culturais e sociotécnicas de exploração do urbano.

O NASCIMENTO DA VÊNUS: AS ORIGENS DA CIDADE DE FLORIANO

Antes de destacar a constituição da cidade de Florianópolis, é preciso que seja discutido o conceito de cidade em sua acepção socioantropológica. Nessa perspectiva conceitual moderna, a formação de um aglomerado urbano compreende uma teia complexa de sociabilidades espacialmente sedentárias, funcionalmente diferenciadas na produção de bens e serviços e culturalmente heterogêneas, de modo que, - para além de formas históricas como a *feira*, o *arraial*, o *acampamento militar*, o *burgo murado* e o *centro cerimonial do reino*, - a forma histórica contemporânea de agrupamento humano *cidade* deve ser entendida em termos de geometrias sociais, repertórios simbólicos e desempenho técnico-político e sociotécnico cotidiano coletivo pautados na intensa divisão social e organização científica do trabalho, da autoridade e da reciprocidade.

67

Enquanto fenômeno moderno, a cidade aponta para a experiência ocidental dos últimos quatro séculos. Esta temporalidade foi fortemente influenciada pela consolidação de um estilo de vida capitalista, de sociedade de mercado e economia do dinheiro, de ideologia individualista e de estruturação do cotidiano nas fraturas institucionais próprias da mentalidade público – privado, sagrado – profano, individual – coletivo, político – econômico e social – cultural que governa a sociedade hobbesiana de multidões atomizadas e ecologicamente orientadas pelas noções secularmente construídas de direitos e méritos individuais.

Em seu livro *O que é cidade*, Rolnik (1995) percorre diversas trilhas teóricas até se decidir por um entendimento acerca do que vem a ser cidade. Para a autora, a diferença essencial está em distanciar-se da noção conceitual de campo, cuja lógica funcional, estrutural e relacional

se subjugava historicamente à da cidade. No entender de Rolnik, a cidade constitui um campo de atração, atuando como um ímã para fluxos de pessoas, materiais, ideias e projetos. Ela vai além, percebendo a cidade como fenômeno complexo sob diversos outros ângulos expressos em termos como a *cidade escrita*, a *cidade política*, a *cidade como mercado*:

Na busca de algum sinal que pudesse apontar uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, a imagem que me veio à cabeça foi a de um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens (Rolnik, 1995: 12).

Ainda nessa discussão mais conceitual sobre a cidade, enfatizamos o debate em antropologia urbana sobre a urbanidade e o urbanismo em grandes, médios e pequenos centros no contexto de formação histórica e de organização estrutural e funcional das redes, tramas e contextos citadinos. Nesse sentido, a Escola de Chicago, de modo bastante provocativo, primeiramente abordou a estruturação das aglomerações urbanas modernas associando-as ao que acontece no universo da biologia, partindo do paradigma da ecologia humana (Park, 1948 apud Marafon, 1996) para a compreensão das sociedades complexas em termos de disputa por espaço, por recursos materiais e simbólicos e de conseqüente acomodação demográfica e relacional em regime de equilíbrio biótico e social:

Fundamentalmente, em uma tentativa de investigação dos processos pelos quais o equilíbrio biótico e o equilíbrio social se mantêm uma vez alcançados, e dos processos pelos quais, quando o equilíbrio biótico e o equilíbrio social são perturbados, se faz a transição de uma ordem relativamente estável para outra (Park, 1948: 36, apud Marafon, 1996: 152).

O que é a cidade? O que é o urbano? São processos complexos que

se completam numa relação simbiótica e de profunda interação. Nessa perspectiva Rolnik (1995) a compara a um ímã, já Park (1948) a percebe como um processo biológico com intensa mutabilidade e adaptabilidade das espécies envolvidas. As observações de Lefebvre (1999) a encontram num processo superior de evolução ao qual chama de sociedade urbana. O urbano é reativo às demandas que se apresentam a ele, quer sejam sociais – como as padronizações arquitetônicas e econômicas – da mesma maneira, os processos acelerados de industrialização, individuais (morais) ou coletivas (solidariedade). Ancorado nas observações de Karl Marx sobre a cidade, Oliven (2010) ingressa na discussão e define como aquele território de relações complexas (sociais, morais, econômicas), que se pautam essencialmente na economia, desse modo sintetiza suas análises:

É neste sentido que a cidade é um mercado, na medida em que ela contém a população exigida pelo aparelho produtivo e o exército de reserva [...]. Mercado de bens e de dinheiro (dos capitais), a cidade também se torna o mercado de trabalho (mão de obra) (Oliven, 2010:11). 69

O urbano é o espaço da novidade, das possibilidades, dos acontecimentos que são espelho para outras áreas, especialmente o campo. Esse último segue em digressão a tudo que o seu oposto – a cidade – vem representar nesse cenário. Historicamente, desde tempos idos a área de referência para as demais era aquela que reunia em si todo um aglomerado de pessoas que faziam a vida acontecer, um exemplo, os burgos no medievo europeu. A centralidade de atividades, eventos e pessoas é uma característica que distingue a cidade de qualquer outra área. O urbano é o possível, definido por uma direção, no fim do percurso que vai em direção a ele (Lefebvre, 1999).

É esse urbano perpassado de possibilidades que passamos

a discutir na conjuntura da formação da urbe Floriano.

Historicamente, a cidade foi fundada pelo agrônomo Francisco Parentes, que lá inaugurou a primeira escola de agronomia das Américas. Essa instituição se destinava à educação de filhos dos escravos (sem distinção de gênero) órfãos e libertos pela Lei de 28 de setembro de 1871 (Florionews, 2012).

Imagem 1 – Mapa do território da província do Piauí, à época da elevação da colônia de São Pedro de Alcântara.



Fonte: Arquivo Nacional. Fundo Ministério da Viação e Obras públicas.

O território onde o município foi instalado integrava a área das chamadas Fazendas Nacionais, antes propriedades de Domingos Afonso Mafrense, dentre outros sesmeiros nomeados pela coroa portuguesa. Após a morte de Mafrense, em 1671, as terras que pertenciam a ele, cerca de

30 fazendas, ficaram sob a forma de doação aos padres jesuítas. Anos mais tarde, diante da ascensão ao poder de Sebastião José de Carvalho e Melo – o Marquês de Pombal, estes foram expulsos das terras de além-mar. Após o *imbróglio* entre os padres da Companhia de Jesus e o primeiro-ministro de Dom José I, a posse das terras foi destinada ao Estado. O governador da Província do Piauí, João Pereira Caldas, dividiu as terras em três áreas chamadas de inspeções: Canindé, Nazaré e Piauí¹.

O processo de constituição e emancipação do município foi lento. De início, registra-se que a pequena povoação foi transformada em Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara (1873), projeto do agrônomo Francisco Parentes², recém-chegado de sua formação profissional em Paris. As ideias progressistas do agrônomo o levaram a arregimentar aliados que o ajudassem a lutar pela oficialização do estabelecimento junto ao imperador do Brasil. Inclusive, em um aceno de agradecimento pelo favor imperial, o nome do local lhe configurava uma homenagem³.

A composição populacional do Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara era de fazendeiros, visto que o desbravamento da região Nordeste se dera do interior para o litoral. Africanos escravizados e agricultores empobrecidos não dispunham de uma colheita significativa, em virtude do clima da região. O auspicioso evento da criação da escola

1 Informação disponível em: <https://www.floriano.pi.gov.br/floriano.php>.

2 O idealizador do Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara tem uma história particularmente interessante. Nascido na vila de Barras do Maratoan é o primeiro engenheiro agrônomo do Piauí; formação conseguida graças à sua obstinação que pode ser considerada um primeiro evento de financiamento estudantil promovido pelo Estado brasileiro. Os ímpetos e as convicções de Francisco Parentes o levaram à sua jornada de formação na Escola de Agricultura de *Grand Joyan* em Paris e na sua chegada com ideias renovadas pelos ares europeus, decide que era o momento do Piauí acessar o circuito da educação. Daí prospera a ideia de criar uma escola agrícola onde os jovens incluindo-se os escravizados libertos pudessem aprender e praticar. Francisco morre em 1876 sem ver o Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara pedra fundamental que alicerçou a criação do município elevada à categoria de cidade. (Adap. do texto de Mons. Joaquim Chaves, 2012: 9-13).

3 Sob o decreto nº 5.392, de 10 de Setembro de 1873 estava criado o Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara (<https://www.acipiaui.org.br/academia/patronos/167>).

agrícola, aliado à fecunda navegação no rio Parnaíba, animaram moradores de vilas e colônias avizinhas a virem tentar a sorte na promissora vila.

Imagem 2 – Fachada do Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara.



Fonte: Arquivo pessoal da autoras e autor (2022).

Contudo, apesar das suas reminiscências históricas, o prédio onde funcionou a primeira escola de Floriano corre severos riscos de desaparecer, isto porque, em virtude do abandono, a degradação está se alastrando. Atualmente, uma campanha está sendo mobilizada, a fim de que o restauro do prédio que assentou as bases do hoje município de Floriano possa ser realizado e que seja, assim, evitado o desabamento do edifício. Inquieta, nesse sentido, pensar sobre os usos que o prédio já teve: de restaurante à sorveteria, mas não de espaço publicado destinado à memória do urbano e do urbanismo e tampouco ao turismo local.

Convém aqui uma breve nota quando se trata de preservação da memória no Brasil, o país tem histórico negativo e não raras vezes, a curta memória da população recebe alusão pública. Em relação a Floriano, não é diferente. Preservar os monumentos, os documentos e as diversas histórias expressas

por diferentes oralidades é exercício fundamental para a construção de uma identidade coletiva de povo, de nação. Le Goff (1990: 473), dissertando sobre as construções conceituais de memória, argumenta que:

[há] os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações (Le Goff, 1990: 473).

O município de Floriano⁴ destaca-se atualmente como mancha urbana de médio porte, em termos geográficos, e de potencial econômico relativamente expressivo no quadro piauiense. A que se considerar a proximidade em relação à capital Teresina na conformação das atividades locais, bem como de sua verve identitária modernista e ligada ao comércio 73 que se consolidou no curso de colonização das terras piauienses ao longo do rio Parnaíba.

O VELHO MONGE: O PROGRESSO DESLIZANDO PELAS ÁGUAS DO RIO PARNAÍBA

Saudade! O Parnaíba – velho monge / As barbas brancas alongando... / E, ao longe, / O mugido dos bois da minha terra... (Da Costa e Silva).

Louvido em verso e prosa pelos poetas piauienses, o rio Parnaíba de

4 Para atualizar os dados do município, de acordo com a página Cidades (IBGE, 2021) o município de Floriano, possui uma população estimada de 60.111 habitantes, na categoria trabalho e rendimento em 2020 eram cerca de 11.871 pessoas ocupadas (19,8%) e com salário médio mensal dos trabalhadores formais de 1,6 salários-mínimos. Na economia, o município responde por um PIB *per capita* de R\$21.866,04, o que leva o município a 19ª posição, dentre os 224 municípios do Estado do Piauí. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/floriano/panorama>

tantos nomes (rio das Garças, Velho Monge) e presente em tantas histórias, foi o motor do desenvolvimento do Estado do Piauí, graças à navegabilidade que seu leito permitia operar. Nascido na Chapada das Mangabeiras, o rio das Garças promove a divisão dos estados do Piauí, Tocantins e Maranhão e tem uma extensão de 1.344 km⁵. O rio Parnaíba, de tantas histórias, já foi maternidade de muitas crianças que não “esperavam” para chegar numa casa de saúde; assim como também foi fonte de aquisição de alimentos para os povos ribeirinhos, por meio da pesca, e das vazantes plantadas no curso das suas margens. O rio Parnaíba configurou-se como empreendimento para os audaciosos árabes que viram no negócio fluvial uma excelente oportunidade de iniciarem sua jornada comercial. Tornou-se, portanto, a porta de entrada geográfica, econômica e cultural na cidade de Floriano

A navegação do rio Parnaíba teve início em 1859 após a criação da Companhia de Navegação do rio Parnaíba. A iniciativa favoreceu o povoamento e o surgimento das cidades ribeirinhas e o auge da navegação foi entre as décadas de 1930 e 1940. Nos anos 1950, com o desenvolvimento das estradas, a navegação entra em declínio. Tal foi se acentuando, por assim dizer, também em virtude da degradação ambiental enfrentada pelo rio⁶. A navegação que desbrava o rio Parnaíba, com efeito, parte de Amarante, o maior e mais desenvolvido centro comercial da região do médio Parnaíba. É inclusive essa novidade – a navegação fluvial – a responsável por deslocar as atenções e a importância amarantina para um novo front, a colônia de São Pedro de Alcântara, mais tarde nomeada Floriano⁷.

5 Informação disponível em: <https://www.cprm.gov.br/sace/parnaiba>

6 Informação disponível em: <https://crcfundacpiaui.wordpress.com/2017/01/02/a-navegacao-do-rio-parnaiba-2/>

7 A Lei N°144, de 08 de Julho de 1897 eleva à categoria de cidade e homenageia o “Marechal de Ferro” Floriano Peixoto. <https://www.floriano.pi.gov.br/floriano.php>

Imagem 3 – Recortes de navegação pelo rio Parnaíba nas imediações de Floriano – PI.



Fonte: Dias (2012).

VENTOS DO DESERTO

75

As primeiras “levas” de imigrantes aportam no território brasileiro timidamente antes do processo de abolição da escravatura, ainda no Brasil império. Após esse evento, algumas “ondas” migratórias foram estimuladas pelos governos, sob os ventos auspiciosos do período republicano. Alguns grupos se posicionam geograficamente no Sudeste, ao Norte e ao Sul do País. Sobre esses processos imigratórios, Dupas (2019: 53) ressalta que:

Entre 1887 e 1930, de acordo com Boris Fausto (1995), entraram no Brasil cerca de 3,8 milhões de estrangeiros. Sendo que no período de 1887 a 1914 ocorreu o maior número de entradas no país, o equivalente a 72% do total. Justifica-se pela necessidade de força de trabalho para a lavoura de café. Entretanto, com a Primeira Guerra Mundial, há uma significativa redução do fluxo, que é retomado após o final do conflito bélico em 1918, momento no qual se inicia uma nova onda migratória que vai até 1930.

Quer por motivos imperiosos como fugir de guerras ou atraídos por propagandas governamentais⁸, que vendiam o sonho do paraíso na terra e todas as suas delícias, fato é que o fenômeno da imigração possibilitou o contato com culturas diferentes e o compartilhamento de conhecimento, que ajudou a fomentar o desenvolvimento do país.

No estado do Piauí, a presença árabe (sírios e libaneses), a partir da cidade de Floriano, representou um marco diferencial no que se refere ao aspecto cultural. É uma importante presença no que dizia respeito à economia do município e uma significativa interferência na paisagem local, por meio do conjunto arquitetônico que deixaram como legado no urbano. Esse é um tema recorrente em teses e monografias, que ora enfocam a cultura, ora a economia, mas raramente enfatizam as alterações na paisagem urbana da cidade. Truzzi (2019: 3) destaca que os sírios e libaneses adentraram pelo oeste paulista entre as décadas de 1880 a 1950:

Diferentemente de outros grupos que aderiram ao colonato, o padrão de assentamento dos árabes no interior paulista obedeceu aos condicionantes clássicos de mobilidade socioeconômica já analisados alhures (TRUZZI, 2008a) para o grupo como um todo: a partir da rua 25 de março, na capital paulista, sírios e libaneses foram se espalhando e ganhando freguesias crescentes – primeiramente na capital, em bairros mais distantes do centro, e em seguida fora dela, em municípios do interior do estado e mesmo de outros estados do Brasil.

Recorremos a Erving Goffman (2002) para adentrar à discussão sobre os papéis sociais desempenhados pelos árabes no contexto e situações urbanas em que se encontravam. No seu livro “A representação do eu na vida cotidiana”, o autor discute a construção das identidades públicas e

⁸ Aqui não será julgado o mérito da campanha de chamamento desses imigrantes.

privadas, aquilo que vem a ser conhecido como gerenciamento de impressão. Goffman (2002) afirma que tendenciamos o modo como queremos ser vistos: nossa vida em sociedade é arquitetada por performances. Apresentamos ao “outro” aquilo que nos interessa, por isso a “representação do eu”. Deixamos “escapar” partes que interessam a nós que o “outro” conheça e perceba.

Goffman (2002) fala de uma “fachada pessoal” apresentada por meio de nossa performance diante do “outro”. O árabe em Floriano construiu a “fachada” do indivíduo alegre, cortês e mercador por natureza, talvez até ganancioso. Aquele que está disposto a providenciar o que o cliente desejar. Indivíduo que não cansa nunca, que a fim de oferecer o melhor aos seus clientes, não fecha sua loja na hora do almoço. Com sua habilidade em negociar, tornaram-se prósperos, destacando-se dos demais indivíduos da sociedade florianense, o que resultou na modificação da paisagem, arquitetura local, devido às construções imponentes que ergueram, simbolizando e materializando o progresso e o sucesso econômico destes (Oka, 2009).

Na estrutura das relações estabelecidas entre os imigrantes árabes e os florianenses discute-se, ainda em Goffman (2002), a aplicabilidade da sociologia da sinceridade e do engano. A forma como os árabes escolhem se portar diante desses indivíduos e a forma como eles concebem as trocas. Quando Hannerz (2015), comentando Goffman (2002), afirma que:

A sociologia da sinceridade implica um vocabulário de equilíbrio, tato, savoir faire, delicadeza, cortesia, orgulho, honra e respeito; e para a situação que não dão certo, de constrangimento e vergonha (Hannerz, 2015: 206).

Tais características descritas são identificadas também nas negociações entre os chamados *carcamanos* e seus anfitriões piauienses. A alegria e simpatia despendida nas negociações, a presteza em ofertar sempre

novidades aos clientes, a não-diferenciação de tratamento entre os mais abastados e os menos, propiciavam uma sensação de respeito e valorização naqueles indivíduos. Dessa relação provém também a adoção das vendas a prazo, uma inovação para o “mercado” piauiense e uma oportunidade para aquele consumidor que não dispunha de recurso financeiro imediato para as aquisições. Outra “novidade” trazida pelos comerciantes do deserto era, como foi dito, o comércio aberto ininterruptamente, sem fechar para o almoço e a *siesta*, como era o costume dos comerciantes locais. Tecidos, aviamentos, especiarias e novidades dos grandes centros eram sempre encontrados nos estabelecimentos dos árabes. Conhecidos nas suas atividades econômicas como mascates, por suas viagens de vendas, em Floriano, no entanto, sua forma de exercer as atividades comerciais mudaram na medida em que se estabeleceram em prédios comerciais em locais fixos (Oka, 2022).

CONTRIBUIÇÕES DOS ÁRABES PARA O URBANO FLORIANENSE: DIÁLOGOS CULTURAIS

Comunicar, interagir e se relacionar socialmente são ações que exigem certas aptidões dos indivíduos envolvidos a fim de que o processo possa fluir. Presume-se que uma qualidade essencial para qualquer vendedor, desde o mais simples (o vendedor de ovos, por exemplo) ao mais sofisticado (o vendedor de carros, por exemplo) produto, seja a capacidade de envolver o cliente. A arte de convencer o seu interlocutor de que o produto é de qualidade, que este é indispensável e ainda que o preço justifica o custo-benefício. Essa habilidade reconhecida nos comerciantes sírio-libaneses instalados em Floriano é o exercício prático de uma interação social entre indivíduos. Lakatos e Marconi (1990) reconhecem que:

Interação social é a ação social, mutuamente orientada, de dois ou mais indivíduos em contato. Distingue-se da mera interestimulação em virtude de envolver significados e expectativas em relação às ações de outras pessoas. Podemos dizer que a interação é a reciprocidade de ações sociais (Lakatos; Marconi, 1990: 83).

Uma das características dos árabes que em muito contribuiu para seu sucesso foi a capacidade de atrair as pessoas pelas suas expressões. Conversar era algo que prezavam bastante, muito embora com alguma dificuldade no que se referia à língua portuguesa, ainda assim eles cativaram muitos consumidores, talvez pela novidade do vendedor que falava diferentemente. Procópio (2006), citando Nunes (1993), destaca o trecho de uma conversa entre um comerciante árabe e seu possível freguês: “Vem, vem gumbadre, ver tecido! Trouxe Sira pra vender. Lindo! Lindo!” 79

A culinária e a arquitetura foram as maiores novidades trazidas pelos viajantes do deserto para a cidade de Floriano. Alimentos como o charuto (feito com folhas de uva e recheado com arroz e carne), o kibe (bolinho de farinha de trigo e carne moída) e o tabule (uma espécie de salada feita à base de farinha de trigo, tomate, salsinha, hortelã, cebola e alface)⁹ causaram espanto. Contudo, foram adotadas e incorporadas pela população local e hoje são largamente consumidas também pelos não árabes.

A religião não foi motivo de dificuldades no entrelaçamento com a população local, visto que a grande maioria dos imigrantes achegados em Floriano era de cristãos ortodoxos, sendo apenas um pequeno grupo identificado de áreas de intensa concentração de islâmicos (Procópio, 2006). Mas os árabes também enfrentaram dificuldades de aceitação por parte da população local na sua fixação no município, fato que não será aprofundado aqui neste artigo.

⁹ Informação disponível em: <https://www.panelinha.com.br/>.

Diálogos culturais: a urbe florianense e as contribuições dos povos árabes desde o comércio local à arquitetura local

Os carcamanos¹⁰ trouxeram uma grande contribuição para a área econômica da cidade, à época um município em franca ascensão, mas com um desenvolvimento socioeconômico ainda incipiente. Seus estabelecimentos foram agrupados em espaços muito próximos uns aos outros. Em Floriano, estabelecidos no entorno da praça da Igreja Matriz e à Rua São Pedro, popularmente conhecida como “Calçadão”, fizeram seu reduto e suas fortunas. Os ares dos tempos áureos deixaram como testemunhas as fachadas das construções espalhadas pelo centro comercial em que se instalaram (Oka, 2009).

Imagem 4: Fachadas das construções árabes (sírias e libanesas) em Floriano - PI.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras e autor (2022).

10 Termo anteriormente utilizado pejorativamente com requinte de xenofobia, mas que atualmente tem sentido positivo.

Rolnik (1995: 30), em sua discussão sobre a inserção histórica do Mercado na cidade e a conseqüente consolidação de “A cidade do capital”, traz o debate sobre os rearranjos que o espaço urbano sofre mediante o desempenho e o desenvolvimento do mercado, das feiras, dos espaços de circulação de bens e serviços produzidos na e para a cidade; isto é, como essa transformação afeta a categorização dos espaços e os converte em mercadoria, ao mesmo tempo em que promove a segregação e a separação espacial, econômica, funcional e moral entre os possuidores e despossuídos (Ibidem).

Nesse sentido, o conjunto arquitetônico deixado na cidade de Florianópolis pelos árabes representa o legado de um tempo de prosperidade para esses imigrantes que deixaram suas origens fugindo de conflitos, em busca de uma terra de paz em que pudessem ter trabalho e talvez fazer fortuna. Em sua grande maioria, as casas *árabes* eram palacetes, ou casas de estilo assobradado, caracterizadas pela enorme estrutura, visto que as famílias eram extensas. Em algumas residências havia uma divisão entre a moradia e o comércio. No caso dos sobrados, a parte superior era a casa de moradia, embaixo a loja; nas casas geralmente com saguões após a porta de entrada, eram projetadas divisórias no espaço para o comércio ou para o depósito das mercadorias.

Nas imagens acima, pela ordem, no primeiro quadrículo da linha superior a foto do Edifício Kalume, na esquina da rua Fernando Marques com a rua São Pedro, na fachada os traços da cultura árabe com delicados arabescos ornando na altura do teto. Nesse prédio funcionava a Casa Said, de propriedade do sr. Assad Kalume, uma loja de variedades que vendia desde a seda até os artigos religiosos. Iniciou suas atividades em 1921 e encerrou na década de 1970 (Procópio, 2006). No quadrículo dois na linha superior, a fachada das Casas David Kreit, que possuía

matriz e filial na mesma rua São Pedro e frente a frente (Oka, 2010).

No terceiro e último quadro da linha superior, o conhecido casarão dos Demes. Com frontispício voltado para a praça Dr. Sebastião Martins e esquina com a rua Marechal Pires Ferreira, o sobrado era de propriedade do sr. Auad José Demes. A Casa José Demes vendia tecidos e o que na época se chamava de miudezas. Atualmente, o prédio na parte inferior é ocupado por um correspondente bancário. A imagem do quarto quadrículo, na linha inferior, mostra em destaque o sobrado que foi o primeiro a ser construído em Floriano, em 1929, e era de propriedade do sr. Adala Attem (Procópio, 2006).

O quinto quadro, na linha inferior, mostra o prédio que também era um sobrado, o segundo a ser construído em Floriano, datado do ano de 1933, que era de propriedade do sr. Salomão Mazuad. Mais tarde foi adquirido por Michel Demes, onde ele instalou a Casa do Michel, tão variados eram os produtos oferecidos que vendiam desde areia brilhante (*glitter*) a perfumes importados (Oka, 2022). O sobrado desabou há cerca de uns 5 ou 6 anos e após a restauração deixou de ser um sobrado. Na última imagem, a do sexto quadrículo, temos a fachada de um prédio que preserva os detalhes da arquitetura. Este abrigava os estúdios de fotografia mais afamados da cidade, que eram de propriedade de Leuter Epaminondas (*in memorian*). Ainda segue como estúdio de fotografias.

Os traços marcantes dessa arquitetura árabe em Floriano são as construções com diversos arcos externos e internos, particularmente nos portais (umbrais), com pátios internos, com azulejos e, na fachada frontal dos edifícios, além dos tradicionais arabescos, é possível observar a gravação do ano de sua construção. A arquitetura árabe presente na paisagem do centro da cidade de Floriano é simbólica do auge do processo de consolidação econômica desses indivíduos. Entretanto, a partir da

década de 1970 do século XX, praticamente já não havia mais distinção nas novas edificações. Assim como o costume de morar no centro da cidade se desvaneceu ao longo dos anos, a arquitetura projetada pelos descendentes passou a acompanhar as tendências nacionais. De certa forma, deixaram-se integrar em definitivo e sem restrições ao cenário local (Procópio, 2006).

Há ainda, residindo em Floriano, descendentes de 2^a e 3^a gerações dos árabes imigrantes. Seguem comerciando no calçadão da rua São Pedro, mas também em outros pontos da cidade. Outros seguiram por caminhos profissionais diferentes daqueles que foram a tônica dos seus antepassados, como várias ramificações da medicina (como a odontologia, a oftalmologia entre outras). Outros atuam na política local. A contribuição dos árabes, para além da atividade comercial, pôde ser percebida na educação do município, no passado por meio da atuação das professoras Josefina Demes¹¹, Lurdinha Salha¹², Maria do Carmo Zarur¹³, e no presente pelos empreendimentos das irmãs Elda e Elza Bucar¹⁴.

No nosso mundo dinâmico atual, onde 1 (um) segundo é uma eternidade nas práticas e fluxos globais, essa memória dos *povos árabes* na cidade de Floriano está sendo paulatinamente apagada e a integração atual entre remanescentes árabes e comunidade local comprometida. A despeito da necessidade de discutir o conceito de memória aqui abordado, o debate é pautado na perspectiva de que trata Michael Pollak (1992): “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”.

11 Farmacêutica formada em 1949 na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará. Retorna à cidade de Floriano e instala a farmácia Nossa Senhora das Graças. Paralelamente desempenhava carreira do magistério, tendo sido professora em mais de 7 escolas e diretora em mais de 3 estabelecimentos de ensino (Demes, 2002).

12 Maria de Lourdes Mazuad Salha foi minha professora de Língua Estrangeira Inglês, no ano de 1997 na Escola Normal Osvaldo da Costa e Silva. Não concluiu o período de 3 anos do magistério porque saiu para a aposentadoria.

13 Maria do Carmo Zarur foi minha professora de Biologia, no ano de 1997, na Escola Normal Osvaldo da Costa e Silva.

14 Faculdade de Ensino Superior de Floriano – FAESF.

Nesse sentido, o argumento do artigo em tela não é separar e distinguir *árabes* e *florianenses* enquanto identidades culturalmente estanques e fixas no tempo, mas problematizar a construção do urbano e do urbanismo florianense na perspectiva de que estes foram e são ainda processos de promoção de trocas de elementos culturais, engendrando novas sínteses e reinvenções culturais e identitárias. As reminiscências aqui deixadas pela primeira geração de imigrantes árabes, nessa lógica, faz-se importante enquanto documento, monumento, lugar de memória e de história de uma Floriano que se desenvolveu como encontro de projetos políticos e de trajetórias coletivas às margens do Parnaíba.

Os descendentes de árabes mais jovens da geração contemporânea, muitos deles conhecidos pessoalmente ou de *se ouvir falar* pelos moradores de Floriano, acabam por se voltar à capital Teresina ou mesmo a outros estados da federação em busca de formação acadêmica e de outras especialidades a título de experiências mais modernas, mais conectadas com as atualidades e com as últimas modas de consumo. As atividades político-econômicas e socioculturais destes *brasileiros árabes* atuais em nada lembram a de seus antecessores, antigos senhorios, que ganhavam a vida como *mascates* e *mercadores* do imenso território de oportunidades banhado pelo rio Parnaíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu de uma inquietação sobre a percepção que os florianenses construíram em relação ao conjunto arquitetônico árabe no município. Inquietação esta trabalhada ao longo de discussões em Antropologia Urbana. Caberia, nessa discussão, também perguntar: “Qual o impacto desse imaginário e dessa memória de cidade árabe para o

Turismo em Floriano?” Nenhum! A resposta negativa surpreende. Não há aproveitamento desse capital cultural, que foi e é a presença consolidada de árabes na cidade. Um turista desatento, passeando pelo Calçadão da Rua São Pedro, se não se detiver em conversar, explorar com curiosidade os espaços, jamais vai conhecer as particularidades da história do local. A presença dos remanescentes, que ainda comercializam no local, foi absorvida pela paisagem.

Os prédios, cujas imagens foram expostas neste artigo continuam se destacando no cenário da cidade. A durabilidade e os traços existentes nas fachadas chamam a atenção para uma identidade sociocultural que conseguiu se solidificar por meio desses espaços. Edifícios quase todos construídos para atividades comerciais hoje ainda servem a esse propósito, outros não cumprem mais nenhuma função social.

Discute-se muito no Brasil sobre a importância da preservação do patrimônio como uma forma de construir uma memória coletiva, que venha a nortear a compreensão do passado, as ações do presente e um ideal de futuro. Sabe-se que o patrimônio serve de motivação para a estruturação da memória das pessoas, que historicamente a ele estão vinculadas. Considerando que é um elemento importante para a construção da identidade de qualquer coletividade e que deve ser alvo de ações de preservação que assegurem a sua existência; o que ocorre em Floriano é digno de preocupação. A valorização da memória e da história precisa estar calcada nos alicerces da formação educacional dos indivíduos. É um processo que requer continuidade! Enquanto isso, observar o centro comercial de Floriano e perceber a memória da cidade sendo ignorada, tal qual em outros pontos, é estarrecedor! Não temos conhecimento de ações patrimoniais que sejam capazes de garantir a preservação dos legados culturais urbanos, que testemunham a gênese e desenvolvimento da cidade. A inexistência dessas

ações tornará a cidade refém de um presenteísmo acrítico e culturalmente confuso para os seus próprios moradores. Nesse sentido, circula um adágio popular por Floriano que diz: *É a cidade do já teve!* Infelizmente, apenas confirma um fenômeno naturalizado no Brasil, o de não respeitar, preservar e primar por elementos históricos da memória nacional!

REFERÊNCIAS

Chaves, Mons. Joaquim. Francisco Parentes. IN: COSTA, Cristóvão Augusto Soares de Araújo (org.) *Coleção Florianenses*. Teresina: Fundação Floriano Clube; Gráfica e Editora Halley, 2012.

Costa, Cristóvão Augusto Soares de Araújo (org.) *Coleção Florianenses*. Teresina: Fundação Floriano Clube; Gráfica e Editora Halley, 2012.

Da Costa e Silva, em “Grandes Sonetos da nossa Língua”. [organização e seleção de José Lino Grünewald]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/da-costa-e-silva-poemas/> Acesso em 05 Dez de 2022.

Demes, Josefina. *Floriano: sua história, sua gente*. Teresina: Halley, 2002

Dupas, Elaine. O reconhecimento do imigrante como sujeito de direitos humanos na nova lei de migração brasileira. *Revista de Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídica*, v. 5, n.1, p. 43-63, 2019.

Elias, C. S. et al. Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. SMAD: *Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas*, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012.

FlorianoNews. *Floriano comemorou 115 anos de emancipação política*. 09 de julho de 2012. Disponível em: <https://www.florianonews.com/noticias/>

floriano/floriano-comemorou-115-anos-de-emancipacao-politica-9344.html?. Acesso em: 24/01/2022.

Goffman, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 10ª ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

Hadjab, Patrícia Dario El-moor. *Alimentação, Memória e Identidades Árabes no Brasil*. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17546/1/2014_PatriciaDarioElmoorHadjab.pdf Acesso em 07 de Out. 2022

Hannerz, Ulf. *Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana*. Tradução de Vera Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. – (Coleção Antropologia)

Lakatos, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. 6ª ed. rev. e ampl. – São Paulo: Atlas, 1990.

Le Goff, Jacques. *História e memória / tradução Bernardo Leitão ... [et al.]* -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

Mott, Maria Lúcia. *Brasil: 500 anos de povoamento/IBGE*, 9º capítulo “Imigração árabe: um certo oriente no Brasil, 2007.

Nunes, Heli da Rocha. *E o Tufão soprou na Colônia: histórias e estórias dos sucessos de uma cidade*. Teresina: UFPI, 1992. IN: PROCÓPIO, Oscar Siqueira. *Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano*. UFC/UFPI: Faculdade de Educação, 2006. Dissertação (Mestrado). Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3417> Acesso em 06 de Dez de 2022.

Oka, Salomão Cury-Rad. *O fisco e o sr. Salomão*. <http://salomaooka.blogspot.com/2009/>

Oka, Salomão Cury-Rad. *Sabedoria Salomônica*. <http://salomaooka>.

blogspot.com/2010/

Oka, Salomão Cury-Rad. *Folclore árabe florianense*. <https://portaldefloriano.blogspot.com/> 2022.

Oliven, Ruben George. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

Osman, S. A. (2021). A imigração árabe no Brasil: balanço da produção acadêmica (1970-2020). *Revista Territórios e Fronteiras*, 13(2), 236–255. <https://doi.org/10.22228/rt-f.v13i2.1058>.

Pollak, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10, 1992, p. 200-212. Transcrição e Tradução: Monique Augras.

Procópio, Oscar Siqueira. *Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano*. UFC/UFPI: Faculdade de Educação, 2006. Dissertação (Mestrado). Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3417> Acesso em 06 de Dez de 2022.

Rocha, Rafael da Fonseca. *Floriano de tão belas recordações*. Brasília: Thesaurus, 1994.

Truzzi, O. (2019). Sírios e libaneses no oeste paulista – décadas de 1880 a 1950. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 36, 1–27. <https://doi.org/10.20947/s0102-3098a0086> Acesso em 05 de Dez. de 2022.

<https://crcfundacpiaui.wordpress.com/2017/01/02/a-navegacao-do-rio-parnaiba-2/> Acesso em 05 de Dez. de 2022.

https://www.cprm.gov.br/sace/parnaiba_apresentacao.php Acesso em 05 de Dez. de 2022.

<https://icarabe.org/imigracao/historias-arabes-no-nordeste-brasileiro> Acesso em 07 de Out. de 2022.